

OS INVISÍVEIS

O sol ainda é uma promessa pálida atrás das nuvens quando o primeiro golpe de facão corta o silêncio do canavial. O som é seco, ritmado, quase uma batida de coração metálica. Quem ouve de longe, pode pensar que é o som do progresso. Quem bate de perto, sabe que é o eco de um passado que se recusa a ir embora.

Há histórias que insistem em morar no Brasil. A gente vira a página do calendário, troca a tecnologia, mecaniza a colheita, mas as sombras da exploração são mestras no disfarce. Elas não usam mais correntes de ferro, agora, preferem a urgência da fome, a ausência de escolha, o corpo que se curva até virar parte da paisagem. O cortador de cana, muitas vezes, conhece o peso exato da tonelada, mas desconhecem o valor da própria voz.

É um incômodo necessário. A tal "escravidão moderna" não é ficção de livro didático. Ela é silenciosa, naturalizada pela pressa do mercado e pela cegueira de quem só vê o produto final, nunca a mão que o colheu. É a invisibilidade social em seu estado mais puro: o homem que está lá, mas que ninguém vê.

Nesse cenário de contrastes que doem na vista, o Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região completou quarenta anos. E, se olharmos bem, sua função vai muito além de elaborar decisões.

Julgar, aqui, é um exercício de humanidade. É olhar para um processo e enxergar, entre as linhas frias da lei, a pele, o suor e a esperança de alguém que foi reduzido a um código de produção.

Cada decisão proferida é uma pequena fenda que se abre no muro da injustiça. Quando um magistrado reconhece uma condição degradante, ele não está apenas aplicando uma sanção, está reescrevendo um parágrafo da nossa história coletiva. É um aviso de que a dignidade não é negociável, nem mesmo sob a justificativa do lucro.

Ao longo dessas quatro décadas, o mundo mudou. O campo se modernizou, mas o Tribunal continuou lá, enfrentando o que parece imutável: a desigualdade que insiste em brotar como mato. Talvez a sua maior relevância

não seja apenas jurídica, mas civilizatória. Afinal, desenvolvimento de verdade não é acúmulo de riqueza, é a capacidade de um povo olhar para suas próprias chagas e decidir que elas precisam fechar.

Quarenta anos podem ser um suspiro diante dos séculos de história brasileira. Mas, quando somamos as milhares de sentenças, acordos e reconhecimentos, percebemos que a justiça também trabalha como o cortador de cana: um golpe de cada vez. É um impacto silencioso que, no final do dia, muda o peso do mundo.

O sol agora já está alto. No campo, o trabalho continua. Mas, talvez hoje, o homem que segura o facão sinta que não está mais sozinho na imensidão do verde. Porque, quando as instituições se dispõem a ouvir o que o silêncio esconde, o invisível ganha rosto, ganha nome e, finalmente, ganha o direito de ser gente.

Sabrina Souza dos Santos

Analista Judiciário